

# Thomas Köck

tocar paraíso  
(ocidente último canto)

Tradução  
christine röhrig

parte três da trilogia climática  
16.5.2017

# Suhrkamp

**Suhrkamp Verlag Berlin 2017**  
todos os direitos reservados

*Paradies Spielen*  
*Thomas Köck*

Suhrkamp Verlag

*Black snow falls*

Segundo anotações de uma climatologista anônima  
(Final do século XX)

personagens  
um condutor cantante  
dois trabalhadores imigrantes chineses  
um punhado de passageiros  
mariane sônia doris fred martin

e um  
coro apagado no eterno gelo do período moderno tardio

que  
segundo sugestão do autor  
poderia ser  
um coro exclusivamente infantil

peça criada no eterno (trem) ice entre mainz e linz

por encomenda do  
teatro nacional de mannheim

meus agradecimentos vão para  
o teatro  
e todos os passageiros e  
especialmente  
ao corpo médico da clínica universitária Kepler de Linz

departamento de  
cirurgia plástica para queimaduras

a peça deve ser lida como  
monólogo fracassado

ps  
pense três vezes antes de, em prejuízo próprio, se apressar em  
encená-la em palco pequeno porque como  
alternativa também funciona  
apresentá-la em uma sala grande e caso isso seja difícil  
por uma razão qualquer também  
poderá ser encenada na ópera  
eu não tenho nenhuma objeção

representá-la é sempre  
recomendável

porque há material para  
mais de uma noite

e além disso

é na repetição  
que surge  
a essência

no mais, vale o de sempre

segure firme  
e  
boa diversão.

**prólogo  
na neve**

**battere i denti**

**parlando piangendo**

eu  
não tenho coragem de entrar

eu  
não tenho coragem de chegar perto da cama

eu  
em pé na antessala esterilizado  
dizem os médicos  
com sorriso de esperança técnico

sorrir  
bom seria

esterilizado  
os médicos dizem esse corpo  
não suporta nenhuma bactéria um  
deserto de resíduos de pele esse  
corpo queimado em

terceiro grau a  
pele queimada  
em terceiro grau

ali onde ficam as lembranças logo  
abaixo da camada epitelial nas  
células onde as lembranças sonham  
sonham uma vida inteira ali  
agora ali se agarra marcado profundamente a fogo a  
mistura de poliéster e epitélio  
na carne recém queimada  
desgastada e

eu grito de volta

um sorriso forçado volta  
a se esboçar no  
rosto dos médicos

um para a mãe um  
para a irmã um para  
o pai não sobra  
nenhum para mim

em vez disso

máscara na boca luvas  
de látex uma roupa  
de proteção contra as bactérias uma

coceira na pele são  
as bactérias dentro da luva que  
eu coloco para que  
as feridas abertas não infeccionem para que  
o corpo queimado aqui  
do pai do esgotado  
fique livre de bactérias

não quero dizer nada  
não quero ficar aqui agora com  
essa roupa de proteção máscara na boca  
os lábios tremendo tiritando atrás dela e

eu grito de volta

mas

fica preso na  
máscara

queimadura  
de terceiro grau

um grau a mais  
dizem os médicos

três a mais  
digo eu

bem no fundo  
onde um dia  
havia células agora  
só alguns restos de camiseta  
grudados na queimadura que  
precisam ser retirados  
mas claro que não  
num só dia  
dizem os médicos  
isso demora semanas meses assim  
está o pai ali deitado vendado  
envolvido recém embrulhado  
sleep em terceiro grau

eu grito de volta

agora vejo a minha irmã  
que dá uma pirueta em lágrimas de  
parede à outra da  
minha mão para outra

não tem coragem de entrar

eu grito de volta

ao lado minha mãe  
enterrada na roupa de proteção  
em pé mesmo quando  
o corpo treme

agarra-se na  
roupa de proteção  
desmorona atrás da máscara

finalmente ela sorri  
desesperada o que eu também  
tento fazer agora  
sorrir desesperadamente mas  
a máscara está no caminho

eu  
não tenho coragem de entrar

eu  
não tenho coragem de ir até a cama

feridas  
em terceiro grau

toda destruição  
tem seu valor  
a cabeça  
o dobro do tamanho  
da água que  
o organismo queimado  
expele pelo corpo queimado sabe-se lá  
para onde o organismo vai com toda essa água o  
mundo também não sabe mais para onde  
com toda a água a  
natureza também não sabe mais para onde  
com toda essa água a  
natureza também não sabe mais para onde consigo mesma  
hoje em dia

novamente um sorriso uma  
mão que busca pela minha

eu grito de volta

não quero mais falar acho  
que não quero falar nunca mais  
cada frase queimada em  
terceiro grau cada lembrança queimada em  
terceiro grau daí se pode falar o que for

que sempre gira em torno  
desse corpo como essa  
médica agora que explica de passagem  
onde é que vai parar a natureza com  
todos esses restos de poliéster grudados queimados  
em  
terceiro grau as calotas polares da ferida brilham  
nas cores do poliéster esse organismo está  
superaquecido pulsa incha  
não levanta mais  
respira superficialmente dê graças  
que ainda respira  
mesmo que seja a máquina que  
esteja mandando  
diz a médica e  
verifica o tubo

sem saber a água jorra  
sobrecarregada de restos venenosos de poliéster  
da camisa do uniforme confundida  
por capilares queimados dentro  
do sedimento paterno toda a  
tubulação está aberta sem saber a água corre  
pelo organismo sobrecarregado que ao menos hoje  
está funcionando porque  
a máquina está mandando a caixa torácica sobe e desce porque  
a máquina está mandando ar está  
sendo bombeado para dentro de um corpo que  
já não quer mais respirar

eu grito de volta

um outro enfermeiro agora  
ao meu lado explica

ardeu em chamas até as  
bochechas a garganta aberta verniz  
produz fumaça densa preta a pele  
desapareceu o que  
ele se pergunta é se um corpo  
sem pele só de carne aberta  
exposto às bactérias afinal  
se realmente nos importamos com a carne  
em que estamos nós  
só percebemos que ela existe  
quando ela sangra ou arde.

eu grito de volta

eu quero me segurar  
mas só tenho o meu  
avental de látex  
luvas

e uma máscara na boca

eu  
não tenho coragem de entrar

sinto o chão tremer  
vejo a porta

ela se abre ligeiramente  
uma fresta  
lembrança de um corte feridas  
em terceiro grau estou  
no jardim primeiramente na casa depois  
na entrada entre  
as árvores no barulho da  
esmerilhadeira uma fresa uma serra uma rodovia interurbana trens  
mais adiante uma escada no  
porão e

eu não tenho coragem de entrar

não tenho coragem de me aproximar  
das máquinas pó de serragem pegadas feridas  
em terceiro grau não tenho coragem  
de voltar na casa  
tudo meu está lá  
esquecido faz tempo só consigo

ir adiante  
nunca mais  
voltar para trás não tenho coragem  
de voltar  
segue adiante segue  
anda em círculo sente  
como o chão treme

escuto a rua escuto  
os cabos de alta tensão zunindo escuto  
alguém passando gritando no  
barulho da esmerilhadeira passos  
agora são  
minhas as  
pegadas na poeira

que passam uma vida andando  
por aí  
ao final penso eu só dá  
mesmo para correr atrás dos próprios passos  
você só não percebe  
pensamos que colocamos um  
depois o outro em vez disso o primeiro sempre já  
está colocado e ao outro só resta seguir  
é difícil se afastar do primeiro passo

é preciso penso eu passar uma vida  
seguindo os passos

a máquina bombeia ar nos  
pulmões ali livres do pai que  
se perdeu no caminho  
para si mesmo passo a  
passo, mas é bom quando  
isso não acontece  
quando alguma vez desvia do caminho quem  
sempre só corre  
em sua própria direção quem é que  
consegue aprender a chegar  
a si mesmo aprender a viver quem  
consegue nós  
só andamos em nossa direção para  
nos perdermos sem esperança passo a  
passo seguimos  
a nós mesmos enquanto nos perdemos assim  
ele está lá no porão um  
isqueiro uma camisa uma fásca uma mão que  
traz o fogo um  
passo não pode  
simplesmente ir para outro lugar  
infelizmente tem de seguir o outro  
a camisa expande o verniz  
lança densa escura preta fumaça poliéster  
sessenta e cinco por cento trinta e cinco algodão  
um clique  
uma lembrança falsa eu  
não estava aqui como  
desviou das chamas será que deitou no chão  
acaso gritou  
calmamente viu as chamas crescerem andarem baterem  
teria ele mais medo de si próprio que  
do fogo terá ele se visto ardendo  
até a altura das bochechas verniz  
lança densa escura fumaça preta  
esse organismo  
superaquecido exausto  
que não sabia mais onde se enfiar quando ele  
se deu o fogo será que sentia medo eu sei  
que isso eu não  
posso sequer perguntar  
essas perguntas são tabu

um zumbido agora é  
o pulmão um piado que  
agora é o cabo do rim e  
tubos prometeu  
amarrado à cama este  
agora é o pai

eu grito de volta

a mãe diz agora que  
não vai entrar

eu  
também não

eu  
não tenho coragem de entrar

e todos os olhares voam para cima só  
não o meu que olha para trás  
que retorna que  
que eu sigo para fora  
fora da unidade intensiva de queimados  
da futura lembrança bombeada de ar de horror  
lembrança que  
eu ainda guardo para mim que  
ainda não aceito  
não importa que o coro de vinte médicos  
fique me explicando que a vida  
está prestes a abandonar este corpo eu  
pego a maçaneta da porta aqui ninguém abandona  
coisa nenhuma  
até que volte a viver o que é preciso viver

danço uma pirueta de lágrimas com a  
irmã de uma parede à outra da  
minha mão para outra eu quero  
dizer alguma coisa mas  
fico preso na máscara eu  
arranco essa merda o  
hospital estremece o  
chão treme estremece vibra

está nevando ou são cinzas  
penso ao sair  
com a maçaneta da porta no bolso  
da calça se tiver que ser  
volto o caminho todo para trás vou até a estação  
sigo  
pelo caminho das cargas já posso ouvir  
os estrondos com a maçaneta da porta no bolso sigo  
pelo leito dos trilhos sigo  
até que o mundo volte a me seguir não o contrário

e finalmente o trem passa um com toda velocidade me  
rende os outros que continuem  
falando agora eu não quero mais não  
tenho nada a dizer dou  
voltas em círculos em minha direção fico  
vendo os trens passarem trovejantes

porque a máquina está mandando

gritando enfurecidos

container por container

sem fim

**no eterno trem ice  
da modernidade tardia**

I

**agghiacciato tremar  
tra nevi argenti**

um

**solo  
o condutor levanta a voz**

lontano

**O CONDUTOR** pronto boa noite minhas senhoras e meus senhores  
sejam bem-vindos aqui em meu nome mas  
sobretudo em nome da  
companhia ferroviária ice duzentos e noventa e nove  
aqui de hamburgo para hanôver digo  
de linz para dinstlaken só um instante  
onde é que estamos nesse exato momento  
em razão das circunstâncias climáticas hoje  
em dia não é possível ver claramente  
quando olhamos para fora onde quando e acima de tudo quem somos  
no momento diria que ao menos isso não se pode  
refutar empiricamente estamos a caminho atrasados  
evidentemente como sempre o homem do tempo  
manca atrás do tempo o que  
é claro não é diferente nas ferrovias federais  
nosso atraso como sempre é existencial  
no momento estamos falando só de  
alguns poucos no momento  
espremidos oitenta talvez  
noventa mais ou menos cinco  
minutos os senhores naturalmente  
serão informados como de costume isso  
eu já posso anunciar agora  
que ninguém mais está esperando por nós  
seja em begrenz ou  
köln ou em gumpoldskirchen ou em  
obersdorf tampouco em lyon e  
muito menos ainda em ohrdruf em  
toda europa assim foi revelado

ninguém mais espera por ninguém  
 dizem que quem se atrasou uma vez na vida  
 é devorado  
 ninguém mais espera por nós nem em  
 bilbao nem em röscke muito menos ainda  
 em rötzke ninguém mais está  
 esperando hoje por alguém  
*estalos chiados corte de luz na cabine*  
*o condutor agora sussurrando*  
 sabem o que eu me pergunto frequentemente  
 como empregado ferroviário como  
 funcionário público como observador cotidiano eu  
 me pergunto sempre se  
 escutam de verdade  
 uns aos outros eu fico falando nesse microfone e  
 me pergunto será que estão ouvindo a minha voz  
 que estão realmente me escutando enquanto voz ou  
 só o anúncio estou aqui como voz ou  
 somente como anúncio ou como pessoa de verdade  
*daí o trem passa trovejando*

## dois

### exaustão da europa central no eterno ice

#### accentato

MARIANNE

alô que dizer nós  
 ainda estamos atrasados bem  
 certamente atrasados você  
 acha o que me admiraria  
 se fosse diferente hoje  
 todo mundo já conta com o atraso  
 é sempre assim o mundo está tão acelerado  
 tanto que na verdade só é possível  
 chegar tarde você entende me diz  
 você me ouve com atraso digo  
 sim mas ao menos eu chego  
 digo eu ainda chego está ouvindo  
 é claro que nos veremos  
 ainda hoje como combinamos eu  
 estou a caminho e só que amanhã bem cedo  
 tenho de seguir adiante  
 a agenda você sabe vai ser legal  
 passar um tempinho hoje também estou feliz

sim estou dizendo que eu também tá ouvindo

DORIS

o mundo é bonito quando  
passa rápido como imagem penso  
sempre não é fred

FRED

pode ser

DORIS

todo mundo sempre fala da  
bela contemplação do mundo mas  
se olhamos de perto não  
tem nada para contemplar  
nesse mundo não é  
fred

FRED

até pode ser contemplativo  
o mundo em geral quando  
imaginamos como poderia  
ser

MARIANNE

eu estou bem feliz sabe  
que ao menos podemos  
nos ver hoje está ouvindo

DORIS

visto de perto nada  
vale ser contemplado a gente nem quer  
não é mesmo fred às vezes  
a gente nem quer olhar direito  
ficamos felizes que só  
temos uma curta impressão quando  
olhamos  
e que o resto  
podemos fantasiar

MARIANNE sim eu acredito nisso cansada  
estou completamente esgotada também  
nas últimas semanas  
eu só viajei de uma reunião  
à outra chegou uma hora que até  
confundi as cidades fiquei procurando  
numa cidade o hotel da outra  
alô você eu disse cansada  
e viajando muito

DORIS

não é fred dá uma olhada lá fora  
tem uma rodovia se você  
fica olhando para dentro dos carros os rostos  
atrás do volante eles  
têm uma vida de verdade  
de repente levamos um susto como é real  
essa vida na combi  
na pista ao lado e  
logo desaparece ou  
ali um gramado e já passou o mundo  
é bonito quando é uma imagem  
que só passa correndo rapidinho

SONJA

na estação você pensou se

MARTIN

se agora não seria o momento perfeito

SONJA

se agora não seria o momento  
perfeito

MARTIN

se agora não seria o momento  
perfeito

SONJA

estações têm essa coisa

MARTIN

essa coisa romântica

SONJA essa coisa louca frenética se  
você simplesmente tivesse ido embora  
simples como isso então  
esse outro ali estaria  
sentado no trem e talvez  
talvez nem fosse  
percebido

MARTIN

e aí você pegou a mão dela

SONJA

mas em vez disso ele simplesmente  
procurou a mão

MARTIN

segurou a mão e apertou e  
que agora você decidiu

SONJA  
o que que tem se ele  
quer abandonar a família

MARTIN  
porque mudar uma vez pela diversidade  
não deixa de ser uma maneira de progredir portanto evoluir  
agora e tal

SONJA  
e a gente nem quer  
isso

MARTIN  
porque para mim  
já era  
então para mim era algo  
mais

SONJA  
então  
a família

MARTIN  
então para mim  
era mais e  
para você também não é mesmo

SONJA  
bem ele  
então o que se pode fazer

MARTIN  
foi isso que eu  
notei

SONJA  
bem eu não percebi  
nada e só fiquei encarando  
e o que se faz nesse caso

MARTIN  
mas havia algo  
havia não é  
havia mais

SONJA

meu deus o que  
se faz eu  
me segurei

MARTIN  
com olhar apaixonado

SONJA  
olhar estarecido

DORIS  
a paisagem passa silenciosa  
lá fora silenciosa e finge  
que nós nos importamos mas  
para a natureza pouco importa quem  
passa por ela sempre agimos como se  
a natureza estivesse aí para nós  
que estivesse aí só para ser contemplada por nós  
mas ele nem é contemplativa ela  
tem um fungo e câncer a  
paisagem que brota e a gente nem quer não é fred  
olhar de perto para ela a gente  
só quer se contentar com essas imagens  
que vão passando não é fred

MARIANNE  
oi desculpa é que  
está doida toda hora  
estou dizendo a conexão não não  
foi nada de importante além do que eu nem sei  
espera eu acho que tenho de levantar  
rapidinho por causa do cara ao lado sabe  
não eu vou levantar eu disse

DORIS  
fred estou falando com você

FRED  
sim eu estou ouvindo  
como se sabe os ouvidos  
passam o dia todo abertos eles  
nem conseguem fazer outra coisa

DORIS  
ficam ouvindo a passagem confusa das  
vozes como os olhos assistem a frenética  
passagem do mundo

FRED  
mas ao menos podemos fechar os olhos

quando achamos que vimos o suficiente do dia  
e ficar imaginando a contemplação  
do mundo atrás das pálpebras fechadas  
mas os ouvidos passam vinte e quatro  
horas abertos

DORIS

como eu disse o belo do mundo fred não é  
a contemplação silenciosa  
mas a passagem frenética  
da paisagem silenciosa como o mundo  
parece feio quando olhamos para ele parado não  
fred o movimento  
não faz só bem para o homem  
também faz bem para  
o mundo

FRED

E o silêncio também  
o silêncio  
não faz bem só para a paisagem  
que passa lá fora acelerada muda  
também faz bem para as pessoas

MARIANNE

eu acho que está dentro  
o cara do lado você já sabe mas  
não é porque você sempre chama o  
sinal cai e você liga de volta  
eu grito para dentro

MARTIN

uma diversidade assim  
uma variação agora é quase  
evolutiva

SONJA

não me venha com essa  
sua herança foi só  
o que pensei

MARIANNE

mal-educadas sabe é  
o que eu sempre penso das  
pessoas que ficam telefonando no trem  
elas só fazem isso para provar para os outros  
que não estão sozinhas apesar  
de ninguém estar pensando que elas  
estejam sozinhas quando olhamos para fora  
do ice sempre somos solitários

MARTIN  
assim quase um darwin  
win

SONJA  
ele disse  
mesmo

MARTIN  
para os dois sabe

SONJA  
e eu ali parada com  
a minha mão paralisada  
na mão de martin  
encharcada de suor e ele fala  
o resto do martin sim o  
resto da mão da mão  
encharcada de suor fala  
alguma coisa sobre  
evolução

MARTIN  
para todos os envolvidos é  
uma mudança na  
vida na verdade penso  
que é o melhor ou  
não darwin  
win

SONJA  
e desde então está aí sentado  
e você ao lado no caminho para casa onde  
na verdade você só  
tinha um  
compromisso de negócios e agora surgiu uma  
obrigação sim  
uma obrigação social  
existencial  
molhada de suor do medo

MARIANNE  
você acaba se comunicando  
com um desconhecido qualquer com quem você  
então penso que na vida real  
fora do ice eu não estou a fim de  
ter alguma coisa com ele pelo amor  
de deus

FRED

finalmente eu acho  
que estamos chegando

MARIANNE

acabamos nos acostumando tanto  
que ninguém mais parece suspeito

SONJA

é olha se é a  
estação está muito rápido  
correndo demais não é  
melhor a gente levantar  
por causa da bagagem

MARIANNE

mas tanto faz porque eu acho  
espera  
estamos chegando

SONJA

vou precisar de novo da  
mão preciso dela  
por favor obrigada

MARTIN

vou te ajudar espera  
com a

SONJA

eu acho que já deu  
obrigada de verdade  
olha  
a estação

DORIS

está passando a toda velocidade

MARIANNE

opa espere nós  
então agora  
então está passando direto  
pela estação

SONJA

por que passamos  
direto pela

MARTIN

eu sei lá vai

ver que ele só para na  
estação sul

MARIANNE  
ei um instante espera  
que estranho  
passamos reto

MARTIN  
talvez esteja  
tentando recuperar  
o atraso

SONJA  
simplesmente passando  
direto pela estação  
pela nossa estação ou o quê

MARIANNE  
passou direto  
simples como isso

DORIS  
aliás isso não é muito  
suspeito ou o quê  
fred o que você faz aí sentado  
faça alguma  
coisa procura um  
cobrador ou o que for  
mas o que que é isso

MARIANNE  
não ninguém avisou nada  
agora eu também não sei  
o que aconteceu  
que passamos  
direto

MARTIN  
talvez o condutor se distraiu  
eu sei lá  
derramou café no painel

SONJA  
que sistema que acelera assim sem mais  
porque quando ocorre um erro existe um  
freio de emergência em geral  
se alguém comete um erro nenhum  
sistema acelera assim depois de  
um erro ou engano

MARIANNE

acontece que passamos direto  
e ele está cada vez mais acelerado  
isso é fato espera  
um pouco alô  
tá me ouvindo agora  
a luz está oscilando  
aqui na  
cabine

FRED

vai ver que é um  
falso desvio

DORIS

vai ver que não

FRED

por que não se  
foi um desvio  
inesperado

DORIS

mas quando é digital não  
existe mais inesperado  
não têm mais desvios  
inesperados na  
paisagem nem nas estações  
hoje em dia não  
acontece mais  
nada de inesperado

MARIANNE

pois eu não sei a que  
se deve isso quem é  
que vai saber agora  
estamos correndo a toda velocidade  
lá fora deve ter  
um bosque e agora  
todos aqui têm seus aparelhos ligados  
acha que devemos  
que devemos chamar alguém

MARTIN

bom que quando é um  
infarto eles freiam  
automaticamente

MARIANNE

você acha que é terrorismo  
acho que não quem é que  
iria sequestrar um trem

DORIS  
e se for um condutor suicida

FRED  
eu entenderia

MARTIN  
Bom que se for um  
infarto cerebral como  
quando para eu  
não sei se daí eles  
param automaticamente quando o cérebro  
para infelizmente eu não sei  
mesmo

MARIANNE  
mas por que seria terrorismo  
não estou ouvindo nenhum tiro nem  
explosões ou o que for  
que faz parte do terror além disso  
quem é que iria sequestrar um trem você acha que eu  
devo chamar alguém  
todo mundo está bem bom  
agora já chamei

MARTIN  
sim obrigado

DORIS  
e agora de novo outra  
estação está passando por nós  
do nosso lado o  
que vamos fazer se ele  
pegar uma curva nessa velocidade  
fred

FRED  
pode ser que seja mesmo um suicida ou  
como se diz  
enclausurado eu entenderia

DORIS  
por favor

FRED  
mas por que ele está sentado ali dentro

olhando a paisagem na frente a  
 plataforma os trilhos sua  
 vida completamente desviada olha para ele  
 de fora das plataformas  
 dessas que passam por ele  
 quem sabe se não está esperando  
 a próxima curva para  
 entrar com tudo nela  
 ele sabe que tem  
 muitos passageiros na parte de trás  
 o que aumenta o impacto da  
 pancada

MARIANNE

melhor você chamar  
 anuncia aqui na saída e diz  
 que o nosso trem passou direto e  
 que os passageiros estão em  
 pânico diz isso é lógico  
 não precisa dizer isso  
 diz só que devem parar o trem

FRED

eu entendo perfeitamente  
 toda essa inquietação mas eu acho que  
 tudo tem sua  
 razão de ser

SONJA

com certeza  
 mas qual

FRED

então tem que ter  
 alguma razão há de ter

MARIANNE

bom vamos esperar que não seja  
 terrorista ou seja  
 lá qual for a razão dessa merda

*estalos chiados a luz apaga*

*do lado de fora só se vê a noite passando e algumas silhuetas na escuridão que também não sabem bem o que está acontecendo mas certamente tudo tem sua razão de ser não é mesmo*

SONJA

para mim chega o  
 freio de emergência fica aonde

MARIANNE

sim agora foi a luz  
você escutou não  
em todo caso foi cortada e agora  
me parece mais com pânico

MARTIN  
ok fiquem  
calmos  
respirem

SONJA  
acho que encontrei  
o freio de emergência

FRED  
ele deve estar morto

SONJA  
ok segurem-se  
*estalos chiados microfone de bordo a luz oscila o condutor respira fundo ao microfone*

DORIS  
o que aconteceu  
está freando

SONJA  
estou puxando mas  
não acontece nada

*realmente nada acontece  
ouve-se o CONDUTOR respirando fundo ao microfone  
depois ele começa a cantar  
ele canta "put your hand on your shoulder" de paul anka  
a luz oscila o microfone de bordo chia estala e se rompe  
e o trem passa disparado*

**três**

**henan zhengzhou ali onde  
o céu se cobre de nuvens carregadas de poluição  
e por onde as baterias carregadas de lítio  
circulam por mãos de operários especializados  
até que em um momento qualquer  
os operários começam a circular**

**allegro con moto**

*um quarto de hotel com vista para a estação  
iluminação de rua pela janela  
a cama está sem uso*

*trens passam trovejando*

ELA ela temia que ele se atrasaria de novo

O COSTUREIRO *cantarola tosse fumaça sobe*

ELA que ele iria se atrasar de novo como ela está acostumada porque ele sempre se atrasa

O COSTUREIRO mas ainda assim ele sempre chega mesmo na estação de zhengzhou leste com aquelas vinte mil pessoas indo de uma província à outra

ELA ela esperou olhou para o céu de henan e se perguntou se o céu se ele é igual em toda parte porque na verdade deveria ser ela olhou para a poluição ouviu a buzina dos carros foi empurrada na estação de henan para o zhengzhou leste para esse trem reformado de alta velocidade esse novo futurista que atravessa o mundo todo

O COSTUREIRO *pigarreia quer dizer algo fuma*, mas mesmo assim ele sempre chegou esse que sempre chega atrasado demais mas quem é pontual em geral acaba sendo golpeado pelas circunstâncias

*ELA espera ele terminar de tossir*

O COSTUREIRO *pigarreia e* ele passou o dia inteiro parado na frente da janela estava feliz sabia que à noite estaria sentado no trem que não ia mais sentir o cheiro da fábrica não mais os panos suados e que também em algum momento teria uma cama de verdade não essa esteira

ELA ele sempre disse o paraíso o paraíso está esperando por nós o caminho inteiro de henan henan zhengzhou leste até prato macrolotto

*O COSTUREIRO tosse fumaça*

ELA as fotos aqui no smartphone as fotos do mediterrâneo céu azul areia da praia

O COSTUREIRO *tosse fumaça* em henan o chão já ressecou faz tempo queimou e a cada nova primavera a chuva ácida as nuvens de um pálido cinza esverdeado e natureza química

ELA ela não vacilou nenhum segundo

O COSTUREIRO ele pensou se não der em nada a gente volta para isso existem os trens nos dois sentidos

ELA também por que ela deveria passar o dia inteiro fabricando baterias de lítio que viajam o mundo todo enquanto à noite respira a poeira fina venenosa suando deitados um do lado do outro uma coceira na pele eczema apesar da roupa de proteção

O COSTUREIRO ele não vacilou nenhum segundo essa merda de baterias de lítio bem melhor um costureiro made in italy

ELA alguns já tinham ido de henan zhengzhou para prato na itália e um dia mandaram cartas e-mails dinheiro

O COSTUREIRO foi de manhã bem cedinho quando a poluição ainda está baixa cobrindo as ruas que ele foi até a estação zhengzhou leste

O COSTUREIRO ela estava lá com algumas sacolas no meio do caos da confusão da estação uma construção de prestígio que acabou de ser inaugurada para levar mercadorias em 17 dias para a europa mas aí todos aproveitam a chance daí ela o avistou e gritou só para variar eu já estava um pouco adiantada mas tudo bem

ELA que bom que você ainda conseguiu chegar ela disse

O COSTUREIRO e ele logo foi mudando de assunto não dá para acreditar nessa confusão toda a essa hora da manhã para onde é que todos querem ir

O COSTUREIRO todos aqui só querem ir embora está vendo como quase não chegam pessoas a maioria está embarcando eu consigo entender

ELA uma província inteira de partida todos querendo ir embora cinquenta mil pessoas com sacolas trabalhadores migrantes a caminho do interior a caminho de um mercado qualquer e tantas famílias com mochilas para onde é que toda essa gente quer ir e de onde vêm tanta gente os únicos que chegam são investidores que querem esgotar ainda mais o chão já tão destruído surrado ressecado morto há tempo com seus novos métodos duradouros eu grito para os investidores vocês não vão encontrar mais nada vocês vêm para destruir o último pedacinho de terra e nós vamos embora aí vocês vão poder terminar de saqueá-la nessa calma do vazio humano rasgar o sedimento revirá-lo ainda mais fundo até que não reste mais nada até que as fendas aqui do chão tiverem se espalhado por todo planeta mas vocês não se interessam mais por isso vocês já vão estar mortos há tempo

O COSTUREIRO ele perguntou a ela qual era o plano então qual é o plano

ELA e ela voltou a gritar com os investidores filhos da puta aqui em zhengzhou leste este aqui um dia foi o nosso chão a nossa terra faz tempo que não nasce mais nada por aqui eu grito aqui vocês não vão encontrar nada mas se perde por completo na confusão por toda parte só trilhos que acabaram de ser trocados a saudade aqui se escreve em letras grandes eu gritei vai lá e compra duas passagens

O COSTUREIRO sim mas para onde

ELA itália

O COSTUREIRO eu digo itália ele me olha de dentro de sua cabine ele acha que estou louco digita qualquer coisa no computador roma ele diz não eu digo espera roma eu grito é para a gente ir para roma

ELA meu deus não não somos turistas pergunta por prato

O COSTUREIRO não eu digo espera que mais o senhor teria na itália por exemplo prato o vendedor olha novamente para mim e diz onde está o visto eu grito visto união europeia e eu digo para o vendedor que os investidores têm um visto mas para mim tanto faz só quero ir embora

ELA dá mais dinheiro para ele

O COSTUREIRO certo então prato

ELA para prato

O COSTUREIRO o vendedor contou o dinheiro e entregou duas passagens em que estava escrito prato em três semanas

ELA uma velha empurra um carrinho cheio de tranqueiras passa por mim o carrinho está abarrotado de tranqueiras eletrônicas sua pele cheia de cicatrizes rugas acabada e ainda tossindo eu me pergunto por que essas pessoas vivem em que acreditam como podem achar que vão seguir adiante quando só ficam revirando no lixo o lixo que os bostas dos filhos da puta dos investidores largaram para trás seus vermes eu grito mas os investidores já estão sentados no táxi a caminho do centro

O COSTUREIRO o cara das passagens olha para mim eu digo toma aqui um extra compra um novo smartphone para você ou sei lá o que ele sorri duas vezes

ELA o trem abarrotado acomoda a bagagem de qualquer jeito

O COSTUREIRO as crianças gritam as sacolas fedem tomam sopa cozinham até cigarros são vendidos trabalhadores tosse o trem vai enchendo e esvaziando a gente fala e se cala e olha e espera na esperança de chegar ali onde esperamos chegar

ELA o trem segue trovejando centenas de quilômetros mal deu tempo ela pensou de perguntar se é por aqui mesmo

O COSTUREIRO não se pergunta pelo caminho enquanto estamos viajando nem se pensa nisso não tem tempo para isso no trem expresso futurista recém-construído que relata os sonhos de toda uma terra com suas centenas de quilômetros por hora duzentos trezentos quatrocentos que enche e volta a esvaziar em seu passo trovejante entre as nuvens de poluição os sonhos de ascensão agora enterrados pelos pesadelos dos investidores

ELA ao longo do corredor oeste **trans casaquistanês**

O COSTUREIRO a principal via para bens de alta tecnologia e conectados atrás dele três vagões de carga repletos de aloprados fugitivos desembarcando e nós dois

ELA a viagem durou dezessete dias

O COSTUREIRO dezessete dias passando por províncias chinesas estepe por todo lado depois alashankou depois seguimos em direção ao cazaquistão passando por plantações industriais florestas e ali embarcaram músicos camponeses comerciantes em parte só por algumas horas

ELA as horas dado momento nem mais se sentiam de repente viraram dias que passaram na janela lá fora atyrau oral sâmara toljatti Rússia até que uma hora só campo só florestas passando

O COSTUREIRO em lugar nenhum os cigarros foram tão bons como nessa viagem

ELA rjasan moskau smolensk adiante sentido bielorrússia que paisagem incrível minsk brest toda hora subindo mudos desconhecidos solitários sem filhos gritando alto no telefone sócias de outros que a gente já tinha visto em algum momento ou não

O COSTUREIRO e sempre parando por um tempo nas estações observando os que passavam apressados com suas malas e pacotes abraçavam-se tossiam porque estava muito frio somando os atrasos deu no mínimo meia semana

ELA como é mesmo depois seguimos para baixo sentido polônia varsóvia łódź katowice ostrava brünn viena graz pádua bologna se comparar até que foi rápido atravessamos numa tarde

O COSTUREIRO na verdade no fim não eram mais distâncias depois de três semanas viajando a gente já nem queria mais desembarcar

ELA o céu durante a tempestade na estepe cazaquistana

O COSTUREIRO ou aquela neve caindo devagar numa tarde em orscha

ELA a noite de granizo batendo na plataforma em częstochowa

O COSTUREIRO um maluco furioso que embarcou passando viena e desceu no meio da itália

ELA e depois a chuva na estação de prato

O COSTUREIRO torrencial

ELA ela estava ali parada olhando para o céu

O COSTUREIRO ele deixou a mochila cair e ficou ali parado por umas duas horas esperando a chuva passar

ELA *parada à janela olhando para fora ela sussurrou as três semanas de henan zhengzhou na china onde o ar cheira a bateiras de lítio até a itália seguindo o curso dos trilhos*

*O COSTUREIRO tosse fumaça sobe  
luzes piscam zunem estalam o quarto de madeira treme o quarto do hotel treme vibra oscila o reboco começa a cair das paredes devagar um rasgo corta toda a extensão da parede divide o espaço se abre até o chão depois um trem passa trovejando*

**II**  
**correre e battere**  
**li piedi per il freddo**

**um**

**europa final de outono onde**  
**as folhas caem sobre as vias e**  
**canções ecoam das pessoas um**  
**coro apagado mira absorto o leito dos trilhos**

**poco a poco crescendo**  
**legato**

agora bem aqui  
passou direto por mim de novo  
enorme ele  
se estica  
atravessando a plataformas segue  
o leito dos trilhos  
lembra verniz  
solta fumaça  
preta densa  
furioso bramindo trovejando  
atravessa o corpo  
que apenas respira atravessa  
quarenta dias em coma revolve  
a neve gelo lembranças  
ruins profundas apodrecidas

eu grito de volta

e agora o próximo já  
atravessa correndo sobre o sedimento  
os cascalhos no alto tremem depois  
volta a abrir espaço bem devagar no chão

bem fundo onde mora a dor o fantasma da  
carne a própria não  
percebemos nada enquanto não  
sangra ou arde

eu grito de volta

hoje as mercadorias sempre viajam pelo mundo  
uma mulher grita de  
longe sobe num vagão  
que passa em disparada e lá no alto

fica em pé enrolada em um casaco de inverno  
num xale os dedos rachados  
afina o violino ela grita hoje em dia  
sempre viajam pelo mundo como mercadorias  
no sedimento os cascalhos saltam ela  
estica os braços no  
vento grita foi assim  
que aprendemos  
seguimos adiante não importa o  
que aconteça nós  
subimos  
e logo somos  
varridos pelo vento

um se esforça em subir puxa cordas soltas de harpa  
ergue a voz contra  
os que passam trovejando grita  
os espanta  
pelo leito dos trilhos deixem  
que trovejem enfurecidos pelo mundo deixem  
ir mas nós queremos ir junto

e uma outra aparece que  
subiu lá atrás  
os cabelos enebados  
brancos os olhos azuis o rosto  
frágil os lábios quebradiços  
muito tempo no frio afina sua  
trombeta enferrujada há tempo juntos  
eles gritam  
hoje sempre viajam pelo mundo as  
mercadorias e  
o homem assiste olha  
assiste entre os dedos como  
migram de  
um dedo para o outro da  
minha mão para outra

e outra que no mínimo treme igual  
também se afina diz  
o homem olha e fica ali  
está esperando pensa  
quando é que afinal vai chegar a nova era  
prometida há tanto tempo, mas só  
os produtos viajam furiosos  
pelo mundo o homem por sua vez  
superaquecido e supercongelado  
ao mesmo tempo fica ali parado  
ao lado da pista

os trilhos atravessam a paisagem  
 o homem que  
 espera observa em pé respira  
 geadas pergunta-se  
 o que vem depois  
 se ainda vem alguém  
 uma pessoa  
 pelo leito dos trilhos  
 depois um outro pergunta e sopra  
 numa tuba que ele  
 trouxe de longe  
 já o acompanha faz tempo que  
 há tempo foi cravejada por tiros  
 agulhas de tricô enfiadas nos buracos nenhum  
 tom escapa mais a essa  
 tuba

ele sopra  
 grasnado

o homem fica ali olhando e esperando se  
 ainda vai chegar um outro  
 diz uma num sobretudo sentindo frio os  
 dedos nos bolsos  
 agarrados às suas baquetas diz  
 ele está ali sentado tão mal aquecido e  
 espera por  
 plataformas longas demais em  
 salas de espera congelantes  
 ao lado de cartazes de si mesmo  
 e de seu mundo sentado ali espera o que  
 será que espera toda uma vida

e mais um já bem  
 impaciente atrás de seu  
 violoncelo vem para frente grita  
 vem mais alguém pelo  
 leito dos trilhos onde  
 se aninham lembranças profundas  
 congeladas nos  
 trilhos dentro da neve imagens  
 do homem prensadas por  
 atropelamento estão lá  
 congeladas esperando até poderem descongelar  
 por fim voltar a  
 circular  
 uma vida inteira

agora outra de novo com  
 o violino quase sem cordas esburacado

puxa espantando o frio  
 se achega e também olha e  
 se pergunta se  
 o mal vem do homem ou  
 da natureza  
 se penetrou no homem ou  
 se o mal sempre esteve dentro dele

então também seria natureza  
 diz o homem ao lado dela  
 e ela agora já está muito cansada  
 consumida de tanto rodar sim  
 mas então o mal é  
 o que homem faz ao mundo ou  
 a si mesmo  
 será então só um erro da  
 natureza ou o plano é que  
 o homem ao final  
 se expulse ele mesmo ou se elimine  
 da natureza por isso é que  
 o mal está no interior do homem segundo a natureza  
 planejado há muito  
 aplicado a longo prazo então o final  
 do caminho que o homem percorre  
 em sua própria direção o  
 que era para ser o  
 homem ou será ele um erro  
 da natureza

natureza de merda  
 murmura uma das pessoas que esperam  
 agora tiritando de frio  
 para dentro do leito da ferrovia murmura  
 natureza de merda  
 essa congelada  
 dentro das  
 lembranças  
 natureza de merda

para mim pouco importa fala o que está com abrigo de plumas  
 esfrega as mãos se  
 o mal vem da natureza do homem  
 ou se vai para o homem no final  
 está dentro da incompatibilidade do meio ambiente o  
 erro da natureza está dentro como  
 a lei da natureza petrificada há mil anos  
 economia natural  
 que ao final está prensada no sedimento  
 dez centímetros de  
 bens armas gritam lixo tóxico os

ossos dentro ao lado dez centímetros de  
 lei da natureza humana o  
 homem ao final está a dez centímetros entre  
 garrafas de cerveja borracha preservativos e cartões  
 de crédito esperanças arrasadas que ele  
 esperou durante toda uma vida  
 o homem a natureza de merda

o homem é o erro da natureza  
 a outra agora de novo com o violino  
 porque ninguém sabe quem  
 ou o que a natureza deve ser onde  
 ou como ela acaba o homem acaba com ela  
 pergunta agora sussurrando  
 no fim a natureza acaba com o  
 homem o homem é alvo  
 da natureza expiação de si mesma  
 com dez dedos ela atea fogo em si mesma  
 a natureza com o homem precisa  
 do homem ao final como ferramenta  
 da natureza contra a natureza

e de novo chiados gritos tremores  
 outro passa trovejando eu  
 não escuto mais eles falarem só  
 vejo eles passando aqui agora um  
 mundo que ninguém mais entende que  
 se move que oscila mas  
 ninguém sabe para onde  
 só fico olhando para dentro  
 do leito dos trilhos  
 o leito olha de volta a  
 pele queimada  
 em terceiro grau  
 luzes brilham a  
 máquina balança energia  
 passa pelo corpo talvez  
 a energia o traga de volta o  
 leito da ferrovia estala zune treme vibra  
 impulsionado pela máquina  
 que o deixa respirar impulsionado  
 pela máquina que  
 levanta e abaixa a caixa torácica ao  
 soltar o ar rodopia no  
 gelo neve histórias que  
 eu acabo contando para acalmar  
 mentiras bobagens falo para me distrair  
 de mim ele dele nós  
 de nós

e mais uma passa ao meu lado  
na maca sussurrando de novo para  
não assustar o mundo com  
lábios mortos congelados ossos quebrados  
os dedos imóveis há tempo  
hálito gelado onde antes havia hálito  
ela sussurra

lá fora os queimados dentro  
os extintos

**dois**

**um trem à noite em velocidade máxima no meio da planície  
da europa central alguns passageiros não  
estão mais achando graça alguma  
aliás a atividade econômica também está sem condutor  
mesmo assim todos acham graça**

**burlesco  
con ebollizione**

MARIANNE  
alô não ainda estamos  
andando alô  
está ouvindo de novo  
está ouvindo  
eu só escuto fiapos  
agora de você  
só uns fiapos de  
uma voz chegam  
aqui só uns está ouvindo  
ainda estamos seguindo a toda grita  
aos fiapos mas  
agora não adianta nada os  
fiapos voam na linha  
que treme demais no  
vento da viagem eu escuto  
só eu grito  
fiapos da sua voz aqui  
na linha está ouvindo fiapos

MARTIN  
eu sugeriria que  
comecemos a manter a calma  
por favor só manter  
a calma

MARIANNE

para fazer o que

MARTIN

para poder avaliar  
por hora vamos tentar  
só respirar e  
pensar para termos uma avaliação

MARIANNE

a minha avaliação me diz que  
essa coisa de manter a calma não vai dar em nada  
os trilhos estão tremendo e  
o trem está vibrando  
disparado sem rumo é  
claro que sempre dá para falar  
em manter a calma só que nós  
já sabemos que vai  
haver um choque e por isso  
essa coisa de manter a calma não é tão  
fácil assim mas por mim tudo bem  
vamos tentar agora eu vou  
respirar fundo

DORIS

quem sabe não  
vem algo oficial

MARIANNE

o que ainda poderia  
vir agora

DORIS

bom um anúncio  
por exemplo

MARIANNE

dizendo o que  
boa noite  
estamos tentando  
recuperar o  
atraso e por essa razão  
não estamos mais parando  
em lugar nenhum nós  
estamos disparando  
só para correr atrás de um atraso  
que faz tempo se tornou irrecuperável  
ou o quê

DORIS

talvez ele esteja

mesmo tentando  
se atrasar de novo  
e com isso se atrasa toda hora  
de novo porque ele sempre  
se ultrapassa

MARTIN  
por favor  
como foi dito  
vamos tentar  
manter a  
calma

DORIS  
se atrasa  
de novo a cada  
ultrapassagem de si mesmo  
a cada  
aceleração ele só volta  
a ficar cada vez mais atrás de si e  
ao final ele entra para conseguir  
finalmente se  
adiantar em colapso  
vazio o  
trem o vagão a  
engrenagem as rodas tudo  
espirra óleo lança faíscas bate trilhos  
chiam mas  
nada acontece nós  
nos movemos apenas alguns  
milímetros mancamos  
e isso também só  
por acaso porque o  
vento que agora está aqui talvez  
já esteja  
o tempo todo  
de tanta aceleração  
parado

*nesse ínterim FRED e SONJA inspecionaram o resto do trem os banheiros o restaurante as cabines  
todo o ICE mas não encontraram nada eles passam a mão no sensor da porta automática mas  
ela simplesmente não abre e isso é um absurdo*

MARTIN *os avista e logo tenta ajudar*  
sim espera aí  
a gente precisa  
empurrar a porta  
com a mão descoberta  
espera aí

FRED

o trem inteiro  
está vazio eu  
verifiquei tudo e  
não tem ninguém verdade  
ninguém e nada

SONJA

ninguém nas cabines no  
restaurante também não nos  
banheiros ninguém o  
trem corre sem fôlego  
pela noite

MARTIN

certo eu suponho  
que vamos encontrar  
uma solução com certeza

SONJA

mas por favor

MARTIN

por favor o quê

MARIANNE

isso não é possível  
deve ter alguém não  
se desaparece assim  
sem mais de um trem que  
atravessa a paisagem  
tem que ter alguém um  
trem que não age como previsto  
chama a atenção

DORIS

paisagem coisa nenhuma a  
natureza não está nem aí com um  
sistema vazio desse jeito  
que passa por ela trovejando  
não é mesmo

SONJA

pode ser que seja  
o inferno e que  
nós estejamos mortos faz tempo  
e não  
percebemos

MARTIN

tá frio demais aqui

para ser o inferno

FRED

porque o aquecimento não funciona mais  
a parte eletrônica  
entrou em colapso as  
portas de vidro têm de  
ser abertas  
manualmente

MARIANNE

talvez se a gente conseguir encontrar  
talvez a gente só precise  
encontrar alguém

SONJA

não consigo rede

MARTIN

eu também não

MARIANNE

vou continuar tentando alguma coisa  
uma hora vai dar sinal

SONJA

pode ser que só estejamos  
num lugar qualquer num  
carro sangrando relampejando  
numa rua a consciência ainda palpita  
brevemente delirando quieta  
ofegante tiritando todo  
o organismo tremendo  
queimado

MARTIN

*quer abraçá-la*  
vem aqui estamos  
muito estressados e  
temos muito o que fazer

SONJA *contrai-se se afastando*  
cuidado

SONJA

como saber  
pode ser eu acho que  
só estou imaginando tudo isso  
não pode ser possível  
não pode ser possível

MARTIN  
vem se acalma

SONJA  
não por favor não

MARTIN  
vem cá  
se acalma

SONJA  
tira esse nariz escorrendo medo  
daqui

DORIS  
fred eu sei que nós  
embarcamos não  
pode ser  
imaginação ou que  
agora estamos delirando  
no trem

FRED  
Sim

DORIS  
ontem à noite  
ainda estivemos  
na inês

FRED  
na nossa filha  
eu estava fazendo a reserva  
você estavam brigando

DORIS  
eu não brigo eu  
discuto

FRED  
você ficou  
brigando com a sua filha  
foi isso que você fez enquanto  
eu fazia a reserva  
enquanto eu fazia a reserva depois  
que eu fiz a reserva no  
caminho para a estação antes de

embarcar no trem vocês jogaram  
um monte de coisa uma na cara da outra

DORIS

eu só disse o  
que eu penso o  
que parece normal no  
meu entender pelo menos

FRED

you não disse nada  
you balançou a cabeça e

MARTIN *se aproxima implacável*

bom agora vamos  
respirar um pouco

SONJA *se afasta*

por favor sai para lá  
com a sua respiração

MARTIN *e mais perto*

vem

SONJA *empurra-o e ele tropeça e cai*  
por favor obrigada saiam para lá homens

que na crise sempre acham  
que precisam acalmar alguém  
para acalmarem  
a si mesmos estou  
bem tão bem quanto  
dá num trem  
vazio desembestado que passa  
por onde mesmo

MARIANNE

alô está me ouvindo por favor  
não pode ser verdade só neve  
e gelo lá fora o tempo todo  
faz tempo que estou aqui parada  
gritando fiapos  
para dentro da linha imagino  
que alguma coisa passe  
ninguém nos ouve e  
percebo que estou sem bateria  
faz tempo que esvaziou  
vejo que lá fora só tem neve gelo  
e mais nada  
nada o mundo está congelando  
será que todos podem

se acalmar agora  
pode ser  
por favor

SONJA  
sim não sou eu que está  
o tempo todo telefonando

MARIANNE  
como é

SONJA  
só estou pedindo calma  
ou

MARTIN *no chão*  
isso vamos ficar  
calmos por favor

MARIANNE  
estou calma não fico  
o tempo todo gritando ao  
telefone

DORIS  
ela simplesmente não  
controla a vida dela está  
totalmente estressada

FRED  
isso mesmo o tempo todo  
não tem o controle da própria vida  
nem dos filhos o tempo todo ela  
não tem o controle de si  
e eu fico lá sentado  
na frente do computador  
fico ouvindo tudo e penso  
por que estou fazendo a reserva  
para vida que vida  
em que vida estou metido

DORIS  
por que estão todos aí  
agora na janela  
o que tem lá fora

MARIANNE  
absolutamente nada  
coisa nenhuma nada além  
de neve gelo aqui e ali

uma árvore em pé no  
frio nada  
lá fora não tem nada

DORIS  
o que ela tem

FRED  
você é a única que  
não controla mais nada  
faz tempo

DORIS  
por favor

MARTIN *no chão*  
só isso  
calma não sempre  
esses pensamentos que  
não param de mudar  
de tanto que rodam

SONJA  
se poupe por favor

MARTIN  
ninguém aqui quer nada  
além de saber como  
se conciliar com esses pensamentos mas  
na maioria das vezes  
eles fazem o que  
querem e você  
fica feliz se eles não acabam  
com você você fica  
pensando o que seria uma  
vida de verdade  
funcional uma vida  
boa e você é golpeado  
pelas opções

MARIANNE  
neve gelo e  
nenhum sinal ali fora  
simplesmente não existimos

SONJA  
por favor só fique  
perto das malas

MARTIN

pensamentos que não param  
de rodar pelo corpo  
e você manobra contra  
indefeso eles tiram a sua  
pele os pensamentos e por baixo  
não tem nada  
nada não tem nada eles  
gritam  
os pensamentos

SONJA  
só fecha obrigada

MARIANNE  
só gelo ali  
fora só gelo como  
o mundo  
algum dia deve ter sido  
quando nós vocês tanto faz teremos  
sido só gelo talvez estejamos  
mesmo parados e o mundo  
é que está louco  
não nós

FRED  
sempre sempre sempre esse  
seu tom de explicação

DORIS  
tá só não grita

FRED  
você não para de explicar  
a vida dos outros para desviar da sua  
você fica explicando a vida  
delas mas você sempre só  
fala de você

DORIS  
fred por favor

MARIANNE  
sim por favor  
fred

FRED  
na verdade  
quem fica gritando é você  
com sua vida e a minha

DORIS  
eu não grito  
eu discuto

*SONJA atira uma mala em cima de Martin e outra e outra enquanto lá fora só passa o gelo infinito*

por favor só fecha obrigada  
por favor fique com as malas fique  
deitado vê se dorme se acalme  
por favor me deixa  
ouvi todas as suas histórias para  
ver se vinha alguma parte  
boa nada mais não me  
interessam  
a sua vida suas ideias  
além do que suas dúvidas eternas  
e ideias têm um nome burn  
out e e agora fecha a mala obrigada

DORIS  
será que daria para  
não ficarem gritando tanto

FRED  
deixe que gritem

DORIS  
me deixa eu só estou  
dizendo que não estão sozinhos aqui

SONJA  
sim e eles já  
ouviram

DORIS  
isso é realmente

MARTIN  
como assim não gritar  
vocês não param de gritar  
estão gritando o tempo todo

MARIANNE  
alô de novo um  
fiapo em algum lugar  
da linha alô eu não  
estou ouvindo  
aqui estão todos

gritando ao mesmo tempo

DORIS  
eu não estou gritando  
fred eu estou gritando

MARIANNE  
oi silêncio por favor  
não estou entendendo nada

FRED  
silêncio você

MARIANNE  
ai fred

DORIS  
isso comportem-se

MARIANNE  
estamos todos no  
mesmo trem

SONJA  
e de novo estamos fugindo fácil assim  
fugindo das reprovações  
não enfrentando

MARTIN  
ela gritou com você

SONJA  
eu sei me defender sozinha  
obrigada

FRED  
que coisa

MARTIN  
que coisa o quê  
quer o quê  
não grite assim com a minha  
mulher

SONJA  
sua mulher  
está em casa e não  
sabe nada da sua  
sorte

FRED

vá com calma  
rapaz

DORIS

quer dizer que agora esse fred também  
vai ficar violento sente-se  
rapaz estamos todos  
no mesmo trem

MARIANNE

falou a correta

DORIS

o que é agora posso  
usar o telefone

MARIANNE

não

DORIS

passa para cá

FRED

separadas

MARTIN

agora estão todos  
ficando loucos

SONJA

ninguém ficou louco

MARIANNE

acabou  
tira a mão

MARTIN

olha só eles  
enlouqueceram

DORIS

não nada  
não tem ninguém o  
tempo todo não  
tem ninguém  
olha a tela  
tá preto não se vê  
nada e ninguém

MARIANNE  
é que o sinal

DORIS *arremessa o celular contra a parede*  
sem sinal

SONJA  
vê se se acalma agora  
é tarde demais para  
disfarçar sua cara de bosta  
agora estamos indo juntinhos para o  
inferno

MARTIN  
ninguém está indo para o  
inferno

DORIS  
não existe

MARIANNE  
existe sim e como

SONJA  
o inferno  
você já tem ao final  
o inferno somos  
nós mesmos

MARTIN *arranca o martelo de emergência*  
aqui ninguém vai para o  
inferno

FRED  
está maluco nessa  
velocidade vai ser  
tragado para fora

MARTIN  
chega  
fred

SONJA  
guarda  
o martelo

MARIANNE  
mas o que foi que deu em todo mundo  
ele agora vai querer pular ou o quê  
claro que

não

*FRED tenta tirar o martelo de emergência de MARTIN, mas assim que toca no martelo recebe uma martelada na cabeça*

DORIS  
para acabou

SONJA *grita*  
para

FRED *grita*

MARTIN *olha fixo para os outros*  
aqui ninguém vai para  
o inferno nós agora  
vamos descer um depois do  
outro

MARTIN *pega embalo com o martelo*

MARIANNE  
a gente se acostumou tanto  
que ninguém mais é suspeito

FRED *grita*

MARIANNE *nesse meio tempo tirou um spray de pimenta da bolsa e está com ele nas mãos*  
ninguém vai descer  
todos vão ficar sentados  
vamos seguir adiante até o fim  
seja lá onde for

MARTIN *no chão pisoteado grita e protege os olhos com as mãos*

SONJA *avança em MARIANNE*  
ficou maluca

*FRED tenta intervir mancando de dor, mas DORIS acaba de puxar uma mala pesada do maleiro em cima das duas mulheres que estão se estapeando fazendo com que as duas caiam no chão.*

MARTIN *grita*

FRED *limpa o sangue da testa*

MARIANNE e SONJA *deitadas no chão resfolegando*  
O celular da MARIANNE *está completamente destruído mas vibra*  
o trem derruba uma parede as luzes estalam *cham malas caem dos maleiros sobre os*  
passageiros o trem *avança trovejando colide com um hotel e para*

## três

**macrolotto prato made in italy onde trabalhadores costumam  
t-shirts on the wrong side of the fence you  
will live the rest of your days  
poco a poco tremolo  
recitativo**

*um quarto de hotel com vista para a estação  
trens passam trovejantes  
a luz pisca estala zune  
o quarto treme e reboco cai em cima da cama*

O COSTUREIRO *sentado à máquina de costura ao seu lado uma esteira ele cantarola tosse fumaça sobe ele pigarreia depois diz made in italy made in europe ele sempre dizia isso primeiro itália depois europa ele dizia*

ELA macrolotto prato um enclave chinês para trabalhadores migrantes

O COSTUREIRO a gente tem de começar em algum lugar

ELA começar, ai, por favor e a esteira esticada no chão ela disse está aqui a dois metros a dois metros ao lado da máquina de costura

O COSTUREIRO e a gente começa aqui em macrolotto prato e trabalhando aos poucos vamos seguindo

ELA a fábrica em macrolotto prato era igualzinha a de henan zhengzhou até as etiquetas eram em chinês e todos aqui falavam chinês e da itália nas primeiras semanas ela não viu nada só essa esteira aqui a máquina de costura e os tecidos e foi avisada que do lado de fora eles não eram bem-vindos

O COSTUREIRO ela deveria encarar como uma estação uma curta parada intermediária por motivos técnicos por exemplo

ELA mas pra que itália se só estamos alojados aqui provisoriamente

O COSTUREIRO e uma coisa depois da outra já chegaram até a itália até a itália um grande passo e agora uma coisa depois da outra

ELA, mas para que toda essa viagem se a gente está aqui numa fábrica com as mesmas caras os mesmos nomes se a gente de novo só emenda partes só que agora nem tem alta tecnologia e o que tem são tecidos baratos sessenta e cinco poliéster e trinta e cinco algodão pra quê

O COSTUREIRO ele sentado ali fumando em cima dos tecidos e sabia que nem ele acreditava estação coisa nenhuma que viagem o quê

ELA pra que por favor made in italy não me faça rir

O COSTUREIRO mas ele dizia o tempo todo que iria vir mais alguma coisa e dizia que ele iria adiante e estava feliz em dizer isso em ouvir alguma coisa havia de se dizer

ELA ela estava a caminho da praia a primeira vez que a barraram e gritaram com ela e depois a derrubaram

*O COSTUREIRO tosse fuma cantarola*

ELA da primeira vez que ela foi derrubada e não sabia por que até porque ela não entendia quase nada mesmo por aqui e ficou encarando as mulheres com cara de interrogação bem vestidas made in italy que passaram por ela apressadas ela voltou com os lábios arrebitados para fábrica primeiro a praia de onde foi convidada a se retirar depois porque tratava-se de praia particular

O COSTUREIRO ele tentou afundar a costura dentro do tecido sempre dizendo step by step devagar uma costura depois da outra

ELA ela na frente dele com os lábios arrebitados disse aqui não podemos ficar

*O COSTUREIRO tosse fumaça sobe e continua costurando*

ELA ela lembrou que eles queriam sair da china e agora estão de novo no mesmo lugar de antes little italy uma zona industrial em que podemos ficar costurar e produzir e tudo aqui cheira fede a fumaça o ar aqui uma tortura nessa esteira um ano deitados aqui como vai ser

O COSTUREIRO *tosse fumaça sobe cantarola pigarreja controla o tecido pigarreja diz* e ele pensou um pouco mais um pouquinho respondeu e disse que era só uma parada ainda não é perfeita

ELA não é perfeita ela balançou a cabeça e perguntou se acaso ele já tinha saído da fábrica alguma vez

O COSTUREIRO estivemos na praia ontem sim estivemos na praia

ELA estivemos atrás da fábrica no meio do lixo industrial na natureza química onde é proibido nadar um cara veio para cima de mim com sua camiseta made in italy e disse que eu devia ir embora deixar o país disse que aqui nada

O COSTUREIRO e ele avançou nela quase dançando disse sabe ele disse você ainda sabe qual era o plano

ELA da china para a itália era o plano

O COSTUREIRO made in italy esse era o plano primeiro juntar dinheiro costurando numa fábrica têxtil chinesa

ELA mal pagos explorados xingados golpeados o último dos bostas nem sequer estamos registrados não somos nada aqui nem existimos ela disse somos fantasmas que costuram camisetas

O COSTUREIRO mas somos livres atravessando a europa esse era o plano primeiro sair da china ir para a itália e depois trabalhando aos poucos seguindo em frente por que voltar para onde só podemos seguir adiante

ELA e ela gritou ao lado da outra máquina de costura você quer ela disse ficar sentado aqui como esses aí rostos envelhecidos ressecados pelo sol do mar mediterrâneo o sonho europeu uma fábrica têxtil em que costuramos camisetas e dormimos numa esteira

O COSTUREIRO e ele respondeu e nem ele mesmo acreditou que ele já sabia que isso aqui não era perfeito que ainda precisa ser melhorado que isso era só uma parada que aliás isso sempre foi pensado para ser isso só uma parada e que haveria outras

ELA onde

*O COSTUREIRO tosse cantarola fumaça sobe*

ELA onde

O COSTUREIRO daqui a alguns dias ele já disse podemos sair passeando somos espíritos livres que podem sair passeando pelo mundo

ELA e ela não sabia mais o que dizer ficou olhando para fora por cima dos tecidos pela grade da janela e disse que nós não existimos aqui aqui existem as camisetas e os tecidos ela disse aqui existe esta camiseta esta calça estes têm algum valor nós não nós somos fantasmas nós não existimos aqui ela disse e leu na etiqueta trinta e cinco algodão sessenta e cinco poliéster lavar a quarenta graus permitido passar a ferro made in italy made in europe homegrown isso existe ela disse nós não quando as sirenes tocam precisamos nos enfiar no porão às vezes no meio da noite quando andamos na rua somos controlados e precisamos nos esconder somos trancafiados as camisas made in italy viajam pelo mundo elas têm valor nós não nos falta a etiqueta made in italy está vendo made in italy é isso que você passa o dia pregando a mão invisível somos nós made in italy made in europe e daí ela pegou uma etiqueta e escreveu embaixo made in europe ela escreveu no avesso da etiqueta que quer ir embora daqui

O COSTUREIRO ele não tinha a mínima ideia do que fazer depois tentou dar um abraço para tranquilizá-la

ELA ela recusou agradecendo

O COSTUREIRO só mais uns dias ele disse

ELA só mais uns dias depois

O COSTUREIRO depois seguimos

ELA para onde

O COSTUREIRO vamos ver

ELA vamos ver coisa nenhuma não vamos ver nada não vemos coisa alguma e não somos vistos

O COSTUREIRO nem ele acreditou no que estava dizendo mas ia dizer o que não dá para admitir que não fomos previstos nesse mundo e continuo costurando na máquina pregando as etiquetas a ponta dos dedos rachadas faz tempo pelas agulhas enferrujadas made in italy na esperança de só mais algumas costuras e depois seguir

ELA made in italy à noite ela saiu em direção da estação e ainda deixou um bilhete fique bem ao lado da esteira disse é isso em algum lugar deve dar para ir adiante é claro que especulou pensou que ele iria atrás dela foi para um hotel deitou e ficou pensando quebrando a cabeça para onde poderiam ir e esperou que ele finalmente se mexesse

O COSTUREIRO e ele tossiu quando acordou

ELA ela ecreveu que era para ele ir buscá-la no hotel se quisesse continuar

O COSTUREIRO tossiu a fumaça ardia nos olhos

ELA que ela não voltaria mais ali

O COSTUREIRO fumaça em cima da esteira fumaça por todo lado

ELA que ela esperaria ali naquele lugar

O COSTUREIRO e ele levantou tentou encontrá-la com as mãos mas não havia ninguém e ele gritou o nome dela mas ninguém respondeu

ELA agora ela só iria esperar

O COSTUREIRO pela janela ele viu outros trabalhadores mas não a viu e voltou a gritar e a gritar o nome dela e o que vou fazer agora ele se perguntou

ELA e pela janela ela viu as pessoas andando com as calças made in italy e ela xingou as pessoas em chinês e pensou tecidos nunca mais

O COSTUREIRO o que fazer agora sair sozinho por aí mas o que ele vai fazer lá fora se não consegue avistá-la e se ela estiver deitada em algum lugar desmaiada ele não pode sair assim e ele desceu ali onde guardam os tecidos lá que a fumaça de natureza quimica onde ficavam as outras máquinas ele tossia mantinha os olhos fechados tampou o rosto puxando a camisa tentou afastar a fumaça na direção da porta as chamas já subiam na altura das bochechas a porta bloqueada ouviu algumas pessoas correndo do lado de fora que tentavam enfrentar as chamas com panos molhados o mar mediterrâneo diante da casa mas não tem água quando pega fogo voltou tossindo até a esteira olhou ao redor chamou por ela várias vezes gritou depois foi até a janela e daí voltou a chamar feito louco chutou a parede barata cada vez mais enquanto as chamas ficavam cada vez mais altas ele ainda jogou cobertores para cima de qualquer jeito por cima das chamas saiu dançando no meio da fumaça do poliéster os pés já queimados e a camada superior da pele ali onde os contatos são armazenados ali as chamas ardião tossindo com uma coberta no rosto e depois ele a escutou numa estação da bielo-rússia ela olhava os

mapas e dizia se prato não der florença não é longe e roma também não mas a gente pode passar com um trem noturno por milão e chegar a berna genebra lyon ou vamos para paris e bruxelas passando por estrasburgo eu por veneza para rijeka ou dresden à noite se pode seguir os trilhos e sempre se chega a algum lugar e daí ele escutou ela enumerando stettin klagenfurt göteborg oslo e toda hora voltava ao chão enquanto a fumaça penetrava nele nas camadas cada vez mais profundas opa kaliningrado vilnius konstanza belgrado sarajevo lesbos pireu naxos pylos nepal cada vez mais fundo nas camadas mais baixas monaco nice tolouse sevilha porto cambridge a fumaça made in italy in europe in chinatown macrolotto zero hora zero ele ouviu ela dizendo e pensou passar umas semanas na itália e depois seguir adiante sempre adiante Hague Berlim Basel Verona Pécs Banja Luka ele ouviu ela dizer e os dedos percorrendo o mapa medindo cada centímetro possível de ir os dedos por fim já inanimados protegendo a mão sobre o rosto sem vida dois metros para lá dois metros para cá nenhum centímetro a mais nenhum possível o chão vibrava tremia e por fim um trem aqui atravessando o assoalho que se abre debaixo dele lá fora as palmeiras e o paraíso por cima a fumaça made in italy made in europe lá fora os extintos dentro os queimados pelo fogo on the wrong side of the fence you will live the rest of your days

### III

## cader a terra

### um

**europa final de outono um coro queimado  
escuta o canto do condutor  
dolendo con fuoco  
glissando**

zunido  
estalos

luzes piscando

sussurro baixinho  
no microfonde de bordo  
o condutor

zunido  
estalos  
estrondo

sussurro

nada

depois grita  
armado de um megafone  
no meio nada e mais nada

para ver aqui ou  
 sempre a mesma coisa o  
 mundo se repete desde que gira em torno de si  
 sobre si mesmo gira durante  
 toda a vida e girando delirando a  
 caminho de si mesmo delirando porque  
 sabe que não pode nada além de se  
 repetir onde é que ele  
 vai com o café na mão  
 o mundo desapareceu mas nós  
 saímos dele para  
 dar notícias dele hoje  
 em toda parte se dá notícia  
 de um mundo que na verdade  
 ele grita  
 nao faz nada além de se repetir o  
 mundo gira suas voltas zunindo  
 cada vez mais no vazio

e de novo

zunido  
 estalo  
 luzes piscando  
 nada

o condutor sussurra seu  
 cântico de dor de mundo  
 sussurra nomes de cidades  
 nomes de ruas esquecidas há tempo  
 histórias mal  
 lembradas poemas mal  
 decorados sempre inventa  
 novos versos  
 três mil malas de  
 rodinhas deslizam atrás de uma mulher munida de  
 um microfone os sapatos cheios de sujeira  
 o rosto meio corroído já por conta  
 dos filhos que ela veio  
 carregando até rötzke  
 famintos enquanto  
 as câmeras não se cansam de ver  
 ela com  
 um microfone  
 munida por onde ela grita  
 já dei duas mil voltas  
 no mundo já escapei  
 duas mil vezes já  
 andei por dois mil anos já  
 vi tudo cidadãos

guerras despenhadeiros gente morrendo de frio  
 todos jubileus em uma fronteira qualquer já  
 estou na estrada há dois mil anos e  
 ainda não sei para onde é  
 que todos queríamos ir sempre  
 a mesma última inutilidade que  
 gira em círculo ao redor sempre  
 gira ao nosso redor agora  
 faz dois mil anos que gira  
 e de novo fendas aqui  
 no sedimento ali onde  
 os mortos entram em rotação eles  
 se abrem no terceiro grau  
 gritam até as entranhas as  
 esquecidas há tempo que agora voltam  
 desenfreadas estouram correm furiosas com  
 cartazes de papelão e erros ortográficos  
 saem das colunas de comentários de ódio os  
 que foram esquecidos há tempo que  
 nunca haviam saído de verdade exigem  
 que nós  
 dizem que exigem  
 em lágrimas fronteiras duas  
 três quatro cinco seis mil dos  
 que foram ditos mortos há tempo estão ali  
 formando um coro gritam fronteiras por favor voltem gritam  
 as fronteiras as colunas de comentários de ódio umas para as outras  
 faz tempo que um bom número de bens  
 mercadorias bradam informações imagens vazias  
 de sentido agora em cima  
 pessoas que migram sem sentido por este mundo veja  
 o chão que estremece que treme que vibra  
 nem suporta tantas pessoas assim só  
 quem embarcou nesse chão aqui pode ficar  
 pegadas desconhecidas não podem ser  
 vistas somente as próprias pegadas que  
 caminham em círculo  
 há milênios agora nós  
 já sentimos no subsolo as condenações vindouras  
 as futuras pegadas as de outros  
 que vão acabar vindo até nós de outro lugar  
 marcas de pegadas fendas finalmente  
 no chão esfaimado cheio de lixo industrial  
 chão saciado  
 o lixo que jogamos no chão de outro lugar  
 quer voltar a subir debaixo dos nossos pés  
 gritam agora em coro os que levam os cartazes de papelão ódio  
 resplandece um trem passa correndo  
 e de novo estouro de outros trens agora com  
 alta tecnologia made for agbobloshi mãos de crianças

já cavam nas pilhas de lítio ali gritam  
os que carregam os cartazes de papelão  
que cavem ali eternamente no lixo que nos  
deixamos para trás só queremos que o nosso chão não  
seja emporcalhado gritam  
os autores de atentados das colunas de comentários de ódio  
para eles mesmos terroristas de jardins arrendados acaso somos  
enterrados esquecidos que agora escavam para voltar a subir  
e para isso é preciso fronteiras muito claras para que  
não acabemos todos debaixo dos trilhos das mercadorias  
que significam tanto para nós não  
os outros é que fiquem deitados ali debaixo dos  
trilhos bem fundo no sedimento enterrados é  
preciso voltar a ter fronteiras  
para que a liberdade permaneça aqui atrás dos  
nossos muros pra que o bem-estar permaneça aqui  
e vamos selar as fendas profundas no sedimento  
com fronteiras  
sussurra o condutor seu  
cântico de dor do mundo em  
bemol menor lentamente ele sobe  
para um quase zumbido depois um  
arquejar depois um murmúrio depois  
um sussurro  
uma criança se levanta assustada do assento diz  
que só foi um sonho ruim sonhou diz  
a criança tudo aqui não passa de um sonho ruim  
uma outra logo diz melhor  
sonho ruim que  
uma lembrança ruim  
aqueles dados como mortos com os cartazes explicam  
não vamos sair nós  
assistimos o bastante nós  
sofremos o bastante embaixo do bem-estar e da liberdade  
por isso pedimos à liberdade um fim  
façam o favor de colocar um fim que agora  
se coloque um limite claro  
para o bem-estar e a liberdade  
eles devem ficar aqui a liberdade e o bem-estar  
o lixo vamos deixar ir ele pode ir embora as guerras  
serão terceirizados tudo que nos parecer  
desconhecido será terceirizado  
saímos do sedimento podre e voltamos  
até a metade faz tempo

e uma velha passa e pega  
um cartaz  
balança a cabeça  
vai embora

o condutor continua murmurando a  
criança diz  
melhor ter tido um sonho ruim que  
voltar a ter lembranças ruins uma vida inteira  
e eu digo  
uma vez mal lembrado toda  
uma vida apagada o  
murmúrio se torna agressivo vira  
orquestral agora vira  
um murmúrio de monstro o  
condutor se assusta ele  
interrompe mas  
agora o murmúrio já se  
tornou independente  
atravessa enfurecido todos  
os canais esse  
murmúrio monstruoso  
lamento do  
condutor que  
na mesma hora já procura distância  
irrefreável cresce  
o gemido se transforma num  
gaguejar súplica pedido finalmente o  
microfone grita histericamente brame e estala  
uma sirene loucamente histérica por todos os alto-falantes  
de todos os trens aviões barcos desse mundo  
é o pulmão agora é  
o rim é  
a carne bem visível é  
o caminho de casa agora  
e todos os olhares se voltam para cima  
passageiros que  
hoje viajam pelo mundo inteiro atiram  
para o alto os bairros industriais estremecem  
mercados colapsam pesadelos powerpoint  
desmoronam o  
chão sobre o qual nós viajantes do mundo  
passamos uma vida nos movendo sem questionamentos  
arrebenta subúrbios são engolidos quando  
enfim o que havia desaparecido  
há tempo volta a se manifestar quando o  
chão se recupera do maior erro  
da natureza se abre ao intolerante meio ambiente revolvido quando  
o que há tempo estava resolvido volta  
a aparecer porque nada nesse mundo  
escapa ao tempo que  
implacável ovula que ao final  
liquida cada um de nós  
também a esperança e  
ainda assim

seguimos adiante não importa o que venha nós  
 agora grita um que estava  
 com os ouvidos tampados com força  
 o chão vibra cospe o que  
 estava esquecido há tempo  
 depois finalmente silêncio

o condutor novamente murmura sangue  
 escorre dos seus ouvidos agora os  
 os olhos úmidos molhados ocos  
 brilhante branca sua testa  
 estala um instante eu desvio o olhar pó um instante  
 tossindo daí a caixa torácica se ergue  
 e o corpo paterno respira novamente  
 enquanto a máquina mandar  
 europa prometeu a mão protetora do pai  
 que traz o fogo tubos onde  
 um dia foi corpo daqui em diante  
 queimada a camada epitelial europa  
 esfolada até debaixo do líquido linfático incêndio  
 fogão ele mesmo  
 ódio aos estrangeiros  
 ódio lixo cadáveres  
 partes de corpo lembranças palavra  
 com que a gente se engasga

depois de novo  
 zunido  
 estalo  
 estouro  
 o condutor com olhos no leito dos trilhos

aqui o mundo foi  
 remendado  
 estalo  
 estouro  
 aqui ele vai rasgar

## dois

**macrolotto prato na toscana no  
 radio volta a tocar chinawoman canta  
 i kiss the hand of my destroyer with  
 love i watch her watch me cry how  
 marvelous my house on fire  
 parlando perdendosi  
 recitando**

ELA apuraram entre outras coisas por conta do incêndio também uma falha de produto um descuido com um cigarro um cabo queimado curto-circuito um raio sim no fim o que resta é só uma situação realmente triste disse o policial num recorte curto e coçando a cabeça ainda estão bem no começo agora todas as pistas deverão ser seguidas em lugares assim incêndios criminosos são cada vez mais frequentes tem de se partir do fato que justamente made in italy que esse incêndio é político aqui made in europe sim na verdade ele diz isso mesmo quando não tem incêndio que aqui é um foco de incêndio social e que os políticos deveriam abrir os olhos que a europa se tornou há tempo um foco de incêndio que é difícil falar em culpa em culpa num caso desses em que na verdade se deveria começar muito antes agora se trata disse o policial de encontrar os verdadeiros culpados se é que se pode comprovar que foi um incêndio intencional mas os problemas ele disse o policial da investigação são made in europe e numa transmissão especial sobre o tema dias depois uma especialista em política refutou drasticamente as afirmações do policial que viralizaram e foram compartilhadas nas redes sociais e compartilhadas centenas de vezes as afirmações do policial que coçava a cabeça diante de uma fábrica têxtil incendiada na toscana sobre problemas made in italy made in europe disse a especialista um caso de incêndio não pode de maneira alguma nem que seja só restrito ser minimizado o assassinato disse nunca podemos minimizá-lo dias mais tarde outra especialista por sua vez explicou na rádio alguns dias depois que naturalmente se coloca a questão de quem é que seria a culpa pelas mortes por hipotermia de pessoas que viajam pelo mundo em trens para chegarem na europa atravessando o centro e o sul da europa para por fim chegarem na américa se essas pessoas morrem de frio perguntou a especialista fazendo grande pausa dramática se caem do trem se são atropeladas pelo progresso existirá um culpado ela perguntou mas isso a jovem chinesa entendeu que passou diversos dias no hotel em prato deitada na cama e não se mexendo não via nada só a fábrica que conhecia bem que agora estava queimada no meio da toscana o sol brilhava como de costume na toscana e na casa em frente a orquestra de câmara local ensaiava para um evento festivo os violinos ela ouvia o dia inteiro durante duas semanas ela passou assim deitada nesse quarto made in italy olhando fixo para o teto para uma cópia barata do grande hotel colonial que ela havia visto em filmes enquanto do rádio vinham velhos hits e histórias para ela incompreensíveis de seduções sequestros assassinatos incêndios fugitivos e assim por diante ela ouvia e não entendia nem as imagens nem as palavras faziam sentido ela não sabia o que era entretenimento e o que era notícia o que era real e o que era inventado e disso traduzia para si um mundo que não existia e dizia a si mesma que essa história se passa no paraíso e a heroína dessa história sou eu e nessa história as pessoas andam de trem outras passam caminhando com instrumentos e cantam canções e nessa história nós dois deixamos a europa um continente sombrio e entediante repleto de pessoas mal-humoradas em vez disso seguiremos na direção do brasil um país que ela não conhecia e do qual não fazia a mínima ideia mas ela adorava o nome e ela estava deitada assim na cama enquanto a fumaça penetrava pela janela e rachaduras surgiam no teto o chão vibrava e tremia e os trens passavam trovejando e o tempo também passou trovejando por cima de todas as histórias

por duas semanas esperou nesse quarto com o olhar fixo no teto no estuque duas mulheres velhas que bateram para limpar ela teve de dispensar toda hora também elas passaram a fazer parte da sua história no quarto ao lado ela ouviu uma pequena família por uma semana mãe pai filha também eles entraram na sua história quando viu a fumaça da fábrica subindo na televisão e não entendeu coisa alguma nada

ela se lembrou da estação em zhengzhou oriental e as centenas de milhares de pessoas ela se perguntou se alguém se lembraria dela provavelmente não a mulher com a sucata no carrinho o cobrador russo cantarolante que um dia pagou um café para eles durante a viagem as patrulhas

de fronteira que tinham de enganar entre a Hungria e Áustria em algum momento ela começou a passear pelo hotel e para cada quarto inventou uma história diferente de outros viajantes que passam nesse continente estranho formado só por pessoas que passam porta a porta rodando malas passam barcos trem rodando na direção do horizonte quando acabou o seu dinheiro ela ficou vagando pela cidade passando por bonecos de vitrines made in italy ela cobriu o rosto com um xale para não chamar a atenção ao menos ela disse que fez isso

quando pisou na plataforma ela disse a heroína embarca no trem ela sentiu o chão vibrar sob seus pés ela disse a heroína se volta mais uma vez olha para a estação para os viajantes pelo mundo que vêm de todas as partes do mundo que passam apressados por ela ela disse a heroína levanta as malas e pensa onde poderia ter um lugar livre ela sentiu o chão começando a tremer e disse a si mesma a heroína vê um compartimento vazio se concentra seguindo com o olhar nos trilhos que tremiam cada vez mais forte e disse cuidado palavra por palavra a heroína se senta coloca a mala no assento do lado para que a cabine pareça estar ocupada ela não quer que uma pessoa qualquer se sente ao seu lado ela viu o trem vindo a toda velocidade em sua direção viu as luzes piscando o chiado das rodas ela disse para si mesma a heroína permanece sentada nessa cabine não importa para onde o trem estiver indo agora ela pensa que talvez os trilhos a levem de volta a Zhengzhou Oriente ela só precisa ficar aqui nesse trem seguir os trilhos passo a passo o chão treme cada vez mais forte o chiado cada vez mais alto ela disse a heroína percebeu que o trem partiu deixou a estação ela não faz ideia para onde esse trem está indo e talvez ela disse para si pensou a heroína seja um maldito trem interurbano de merda e a grande volta ao mundo vai terminar numa estação de província qualquer o cascalho sobe voando em seu rosto brilham as luzes de neon sobre o metal branco o xale enroscou na engrenagem e rasgou no mesmo instante made in europe made in italy ela disse palavra por palavra enfatizando Henan Zhengzhou Oriente nuvens de poluição penduradas no céu e baterias de lítio circulam pelas mãos de trabalhadores até que algum dia os trabalhadores migrem as mãos ela não levantou não torceu a boca disse sílaba por sílaba pensando que o trem acelera depois que deixa a estação a paisagem se dissolve à medida que acelera até que se torne irreconhecível temos de nos apressar se ainda quiserem ver alguma coisa antes que tudo desapareça Henan Zhengzhou Oriente made in italy made in europe a calça foi arrancada de seu corpo simplesmente engolida pela engrenagem uma das pernas ainda ficou a outra foi parar nos trilhos ela disse cada palavra contra os trilhos o trem agora acelera e bem aqui varre passando por cima do piso por cima de todo esse continente de merda de cidade em cidade de fábrica em fábrica de casa em casa de quarto em quarto passando por todo esse continente de merda dia após dia de mais valia em mais valia até que todo o continente esteja ali deitado coberto de feridas surrado e atropelado superaquecido pelos próprios trens suas artérias muitas delas abertas bactérias já corroem nas beiradas frescas e o trem colide atravessando o muro da fábrica em macrolotto prato Henan Zhengzhou Oriente onde nuvens de poluição estão penduradas no céu e baterias de lítio migram pelas mãos de trabalhadores até que em algum momento os trabalhadores comecem a migrar ela não levantou as mãos não torceu a boca os dedos um após o outro perdidos entre os trilhos e a engrenagem fumaça sobe made in europe depois um trem passa trovejando chiando loucamente

**três**

**final no  
eterno ice da modernidade tardia**

**leggiero  
ad libitum**

*o trem noturno atravessou a parede do hotel  
agora está parado no meio do quarto  
malas por todo lado alguns feridos pelo chão  
a luz pisca*

MARTIN *grita*

MARIANNE *com o celular quebrado na mão*  
entender  
o mundo  
quem é que consegue

MARTIN *grita*

SONJA  
acho que agora  
ele parou de vez

DORIS  
acho que ele foi parado  
isso sim

*FRED segura uma camiseta contra a ferida na testa que sangra provocada pelo martelo de  
emergência  
seu aspecto não é nada bom*

DORIS  
você não parece  
nada bem

SONJA  
não sei vai ver  
que o tempo todo  
ficamos parados no mesmo  
lugar  
*estalos e chiados*

MARTIN *grita*

SONJA  
ai por favor eu  
queria que tudo tivesse  
passado agora onde é  
que estamos afinal

DORIS  
está claro lá fora

FRED  
me ajuda a levantar

SONJA  
uma cama uma cômoda um  
armário  
o que é isso

MARIANNE  
um hotel

SONJA  
ou um hospital isso  
aqui é um  
leito hospitalar

MARIANNE  
ou um hotel isso aqui  
é um hotel  
eu li a placa  
eu vi quando entramos  
a parede se espatifando os  
quartos vazios que fomos  
atravessando um depois do outro

DORIS  
que hotel o que  
acho que é  
um leito de hospital  
*estalos e chiados o condutor pigarreia  
respira fundo  
ouvem-se passos ao redor do trem*

FRED  
estou tonto

DORIS  
senta eu vou

MARIANNE  
oi tem alguém aí

FRED  
não melhor  
sair antes  
que ele volte  
a andar

*MARTIN grita e esfrega os olhos*

DORIS

mas para onde  
ele iria

MARTIN *lamenta*

Passou

SONJA

não sei

MARIANNE

oi tem alguém aí

*estalos e chiados*

*depois um longo silêncio*

*todos os passageiros olham pela janela do trem*

*estão no meio do quarto do hotel*

*as luzes voltam a piscar*

DORIS

ele não vai mais a lugar algum

vai ficar aqui no quarto

do hotel ou o que for

a cama não foi usada as

paredes foram arreventadas

o trem está atravessado

por toda casa

SONJA

e toda a mobília

congelada tá tudo branco aqui

DORIS

só que nem tá

frio não é

*estalos*

*a luz apaga*

MARIANNE

oi não é possível será

que não tem ninguém ouvindo

eu também não sei

para mim chega eu

vou sair

DORIS

eu acho melhor

esperar

*depois novos estalos e chiados do microfone de bordo o condutor começa a cantar ele canta  
"you'll never walk alone" de Elvis Presley*

*aos poucos as cortinas vão se abrindo o trem está no meio de um palco  
casa cheia  
o público aplaude*

*MARTIN grita*

SONJA  
mas o que é isso

FRED  
o que aconteceu

DORIS  
também não sei fica  
aqui com a sua cabeça até que  
esclareçam o que  
está acontecendo  
tem gente sentada ali e

SONJA  
estão aplaudindo sentados  
com os olhos arregalados e  
aplaudem e não sei uma ali está feliz  
de verdade ela está cochichando  
algo para a pessoa do lado

*MARTIN grita*

MARIANNE  
Mas o que é isso aqui

FRED  
O que está acontecendo

*O CONDUTOR anda para frente até a boca de cena e continua cantando*

*MARTIN grita*

*ao aplauso se somam gritos de aprovação e bravo*

*O CONDUTOR continua cantando e anima o público a cantar com ele dá tapinhas nas costas dos  
passageiros  
dado momento ele para de cantar, mas o canto continua mesmo assim*

*MARTIN grita*

*O CONDUTO olha longamente para ele respira fundo no microfone enquanto a música continua a  
tocar depois ele volta a se entregar à comemoração do público sai do quarto e volta com um  
revólver e mata MARTIN*

DORIS

Mas o que é isso agora

FRED

o quê

o que está acontecendo

aqui

SONJA

ele acabou de

FRED

fala de uma vez quem o que

acontece

o que está acontecendo

*estalos chiados no rádio de bordo*

O CONDUTOR

boa noite minhas senhoras e meus senhores

sejam bem-vindos aqui em meu nome mas

sobretudo em nome da

companhia ferroviária ice em razão

de danos nas vias causados pelas condições climáticas ou

outras deficiências técnicas de ordem histórica

em razão de sabe-se lá o que

afinal hoje em dia ninguém sabe

muito menos eu o último a saber o que

se passa lá fora fato é que nós

temos de esperar aqui dentro nós

fizemos uma conversão errada já há séculos

desde quando estamos aqui andando em círculos eu

não passo do idiota

do piloto automático que em breve

informará o tempo estimado de espera

por favor permaneçam sentados enquanto isso

simplesmente permaneçam sentados e ouçam

o vento da noite soprando lá fora

*aplausos aumentam O CONDUTOR canta novamente mais alto "you'll never walk alone" depois continua falando a música e segue adiante*

FRED

Mas por favor o que está acontecendo

*O CONDUTOR mata FRED*

sabem de uma coisa o que

eu me pergunto com frequência

na verdade, só a mim mesmo quando

eu me esgueiro pelo trem quando

passeio entre os assentos vazios e

os ocupados e os

reservados aqueles  
em que estão comendo e aqueles  
em que alguns estão completamente  
mergulhados em suas telas  
aí eu me pergunto às vezes para onde  
é que nós queríamos ir para  
algum lugar será que saímos para  
chegar aqui onde estamos  
agora como se alguma  
vez tivesse sido essa a meta e  
aí eu penso frequentemente quando  
estou controlando se faz sentido  
controlar quando uma pessoa lembra  
a outra que ele só pode viajar  
se tiver um bilhete que  
esses poucos centímetros no mapa  
são a medida de quem pode viajar para lá e de quem não pode  
mas voltando ao que eu queria dizer quando  
olho para um desses rostos  
cansados de viajar de olhar  
desfigurado  
de um passageiro  
sabe o que eu costumo pensar que  
nós nos tornamos uma violenta vergonha  
nós que viajamos pelo mundo numa  
velocidade absurda  
nós os espectadores mundiais que  
nunca chegam a lugar algum e  
que na verdade não veem mais  
coisa alguma nós errantes pelo mundo  
que não esperam mais por chegada alguma que  
só esperam ainda a chegada do  
permanente nós constantemente alcançáveis  
constantemente ocupados constantemente  
estressados com nosso fogo contínuo  
social nos lábios só  
com nossa cólera de nos mover  
em colisão com  
nossas desculpas  
nós os esquentados demais nós no fundo  
supérfluos nós os exaustos nós  
os impedidos nós que esperamos automaticamente  
diante de um semáforo vermelho à noite  
esperando nós os culpados sem culpa  
só sim na verdade  
esperamos aquilo que ele espera  
eu penso frequentemente enquanto controlo  
quando a minha voz se ergue  
autoritária pedindo pelos bilhetes eu  
penso comigo enquanto banco o

controlador público o que  
 quem eu estou controlando  
 ainda espera me  
 pergunto se ali para onde está  
 indo ainda se pode esperar  
 algo de inesperado se nós  
 na verdade ainda podemos esperar  
 pelo inesperado em algum lugar ou se  
 já nos conformamos com o mesmo de  
 sempre com o mesmo de todos os dias  
 para onde mesmo que nós queríamos ir

*O CONDUTOR quer matar Sonja*  
*tiro emperra*  
*sacode o gatilho*  
 nós emperrados nós que  
 não olhamos mais para ninguém  
 a não ser para nós mesmos só  
 para nós mesmos  
 sentimos bem no fundo  
 desses nossos corpos esses  
 maravilhosos corpos lançados pelo mundo  
 que só têm um objetivo  
 na vida o de  
 tocar outros corpos estar  
 perto de outros corpos de convidá-los a entrar como se  
 o aqui e o agora esse  
 mundo miserável vendido  
 ressecado queimado  
 alguma vez tivesse sido a nossa meta  
 até que enfim  
 voltou a funcionar

*O CONDUTOR está nos últimos compassos*  
*mas agora volta com emoção*  
*mata SONJA*

O CONDUTOR  
 para onde queríamos ir  
 algum dia onde  
 queríamos chegar um dia nós  
 alguma vez partimos para  
 chegar a algum lugar mas  
 por favor quem é que quis  
 algum dia chegar  
 nesse lugar aqui  
*tiros*  
*ovações constantes*

**epodo  
na neve**

**correr forte**

**semplice ma espressivo  
sotto voce al fine**

não tenho coragem de entrar

eu não tenho coragem de chegar perto da cama

fico em pé  
ainda aqui no  
assoalho escuto  
o apitar da máquina olho  
para elas as  
pegadas na neve

serão  
as minhas

andei todo o caminho  
de lá até aqui  
será que até agora  
andei todo esse caminho  
a neve se levanta em rodopios  
a máquina apita

serão  
minhas

as pegadas que  
vêm lá do fundo  
até aqui

serão  
as minhas

quem é que consegue  
entender as  
pegadas em nossa direção que

deixamos para trás por exemplo aqui  
essa parte aqui passo a passo que  
não faz sentido mas  
alguém andou passo a  
passo quem

se importa com isso agora a mim  
esse caminho em que estou parado  
infelizmente pouco importa  
as pegadas não vêm em minha direção ao  
contrário elas fogem de mim  
eu atrás delas

não tenho coragem de entrar

não tenho coragem de chegar perto da cama

escuto o apitar da máquina olho  
para as pegadas na neve  
não são de ninguém fantasma  
dores que penetram  
ao longo das cicatrizes

serão  
as minhas

no limite da cicatriz que  
desaparece lentamente  
a médica diz  
ao passar dores fantasma  
persistem são  
os pesadelos dos terminais nervosos que  
viram a morte

eu grito de volta

grito ao lado só murmúrios  
aqui só o assobio do  
rim artificial que  
leva embora  
as células queimadas as  
lembranças desse corpo

eu grito de volta

grito com as máquinas que  
sopram ar para dentro do  
corpo devastado  
bombeiam lóbulo  
por lóbulo

de pé olho para dentro  
 para o leito de trilhos as veias abertas  
 depois uma rampa  
 vem abaixo

olha o mundo  
 diz uma velha que vem descendo  
 a rampa atrás de mim tossindo diz  
 no fundo na carne aberta estão as  
 terminações nervosas que viram a morte  
 que despertam e pulsam  
 já sabem há tempo o que está por vir

olha  
 diz uma outra que desce  
 do vagão  
 de animais olhos vendados o rosto  
 coberto com um xale o casaco  
 rasgado que ela usa  
 o vento da viagem  
 corroeu as pontas dos dedos

olha o mundo as costuras  
 tão percorridas desse mundo  
 agora novamente esticadas  
 ao extremo logo  
 tudo vai abrir  
 ao final aqui do  
 caminho de novo um portão no  
 meio do gelo como dor fantasma ao  
 redor bosque metálico costuras de feridas  
 marcas de dedos  
 um saco de dormir vagões de animais  
 que andaram em círculo  
 durante um século inteiro  
 uns contra os outros para  
 fronteiras que se fecham  
 para isso que existem  
 e alguém com um violino bem destruído  
 em forma de cadáver quer dizer  
 alguma coisa mas só tosse e puxa  
 a corda pálida cadavérica fumaça sobe  
 eu grito de volta  
 de pé olho para o leito dos trilhos  
 as veias estouradas escuto  
 de novo o estouro  
 trauma de cascalho prometeu europa  
 a mão protetora do pai que  
 traz o fogo

olho para o céu recortado por  
 drones em exercício de voo  
 dores fantasmas persistem  
 não vão mais embora também  
 para onde deveriam ir ao longo  
 das cicatrizes a  
 mão protetora da europa prometeu que  
 traz o fogo pegada por pegada  
 sussurra o médico sussurra  
 dores fantasma não têm  
 história elas são as  
 veias da história  
 as fronteiras estão novamente fechadas  
 as feridas ainda estão abertas

eu grito de volta

não tenho coragem de entrar

são  
 as minhas

um outro sussurra fumaça sobe  
 eu não tenho coragem de entrar eu  
 não quero entrar aí diz  
 a que está descendo a rampa agora  
 precisando ser empurrada não quero  
 ter nada a ver com essas pegadas  
 não quero segui-las com  
 obediência cada  
 um sabe para onde elas levam por quê  
 queremos segui-las nessa rampa abaixo  
 até o fundo das águas das feridas junto às cicatrizes onde  
 só reina a dor fantasma  
 não tenho coragem de entrar

de novo em pé na minha frente no final  
 na frente das máquinas na unidade  
 de queimados e  
 escuto o apitar escuto os  
 anúncios escuto os  
 prognósticos escuto  
 seus primeiros passos vejo  
 seu olhar que olha para mim  
 amedrontado quanto tempo eu  
 dormi nada é para sempre só  
 a dor fantasma persiste

as fronteiras estão fechadas novamente  
 as feridas abertas ainda

um saco de dormir junto  
 ao muro esvoaçando  
 durante horas  
 quem é que vê isso  
 na fronteira externa quem  
 vê o saco de dormir ao lado  
 do pai que respira artificialmente quem  
 é que vê

as fronteiras estão fechadas novamente as  
 feridas abertas  
 terreno de cicatrizes a mão protetora  
 da europa prometeu que  
 traz o fogo se prende na cerca da construção no  
 emaranhado de metal terreno de cicatrizes em terceiro grau  
 que agora cresce e prolifera bandagem  
 de um corpo queimado

esse momento em que abre  
 os olhos é meu

esse não devolvo nunca mais este  
 vou conservar na última das minhas células atrás  
 do terreno de cicatrizes em que  
 me agarro  
 bem fundo  
 não solto mais

me agarro com tanta força que  
 eu mesmo me queimo  
 no emaranhado de metal o terreno de cicatrizes

eu o extraio  
 o momento do sedimento  
 em que ele abre os olhos  
 este eu não devolvo mais

eu vi a morte

ao redor da cerca dedos  
 marcas máquinas artificiais  
 instituições órgãos arquivos dentro  
 na grade restos de sangue fresco fronteiras  
 costuradas retórica do bem-estar ao redor feridas  
 abertas seja lá o que isso quer dizer só  
 interessa a mim vocês  
 não são nada além de hóspedes de cerca histórica que  
 passam agora eu sei onde termina a sua  
 exibição de cerca grita uma com

olhos vendados grita eu olhei fundo  
 demais para dentro do sedimento do tecido linfático  
 até os molestadores agora  
 sobre essa peça eu fico  
 aqui dentro para sempre nas suturas das feridas no  
 emaranhado de metal com o fantasma  
 dor impressões digitais na cerca

serão  
 as minhas

e agora eu vou guardar para mim  
 preso no terreno de cicatrizes com  
 o saco de dormir dentro o que  
 voou do vagão de animais europa  
 prometeu a mão  
 protetora do pai que traz o fogo  
 está enroscada para sempre  
 no emaranhado de metal  
 na cerca o líquido linfático nas  
 suturas recém feitas

serão  
 as minhas

o trem passa trovejante

### **quest`e l`verno ma tal che gioia apporte**

o autor agradece pela leitura a  
 música e citações que acompanharam a viagem  
 a  
 max richter - sleep  
 antonio vivaldi - l'inverno  
 einstürzende neubauten - localização do país (construções desmoronadas)  
 rafael anton irisarri - a fragile geography  
 saskia sassen – exclusões  
 luis bunuel – o doscreto charme da burguesia  
 sarah kane - 4.48 psicose  
 maren kames – meio pomba meio pavaõ  
 fim da terceira parte  
 da

climatrilogia  
muito obrigado